

FORMAÇÃO CULTURAL E EDUCAÇÃO NA INFÂNCIA:

UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O TEMA DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA

PROF. MS. BRUNO DE ALMEIDA FARIA

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação/UFSC

PROFA. ELIZETE RUSCHEL

Prefeitura Municipal de Florianópolis/SC

Resumo | O trabalho que se segue apresenta um relato de experiência tanto de pesquisa quanto de intervenção pedagógica no âmbito da educação infantil. O trabalho pedagógico desenvolvido com dois grupos de crianças de 5 a 6 anos de idade tratou do tema da cultura africana e da cultura afro-brasileira. Fundamentalmente, os processos de intervenção foram organizados a partir da compreensão da função social da Educação Infantil como espaço educacional que objetiva a formação cultural e humana das crianças. O trabalho toma como premissa básica o conceito de “natalidade” de Hannah Arendt.

Palavras-chave | Educação Infantil; Formação Cultural; Natalidade

INTRODUÇÃO

O trabalho que se segue apresenta um relato de experiência tanto de pesquisa quanto de intervenção pedagógica. Durante oito meses do ano de 2015, realizou-se uma pesquisa com orientação etnográfica (HAMMERSLEY; ATKINSON, 1994) em um Núcleo de Educação Infantil, instituição da Prefeitura Municipal de Florianópolis/SC. As intervenções pedagógicas foram construídas conjuntamente pelo pesquisador e pela professora pesquisada, a partir de um processo de diálogo e construção de uma proposta pedagógica envolvendo dois grupos de crianças de 5 a

6 anos de idade, um atendido no período matutino e outro no período vespertino.

O projeto desenvolvido tinha como tema a cultura africana e a cultura afro-brasileira. O interesse em tratar tal temática surgiu a partir de uma investigação realizada pelas professoras e a coordenação pedagógica do Núcleo de Educação Infantil, e cujas fontes principais foram às fichas de inscrição das crianças, preenchidas pelos pais no momento da matrícula. Ao analisá-las com profundidade, constatou-se uma discrepância entre as declarações das famílias sobre a etnia que pertenciam, principalmente, ao reconhecimento como negro. Tanto as professoras quanto a coordenação pedagógica observaram que pais negros não declaravam seus filhos como tal. Outro fator identificado diz respeito ao fato de que as crianças de ambos os grupos vinham de lugares e de descendências bastante distintas. Nesse sentido, a investigação sociológica possibilitou que os professores compreendessem um problema no processo de auto reconhecimento como negro no interior da família e da cultura, o qual, diretamente, afetava a vida das crianças, principalmente em sua compreensão de si mesmas. Dois casos, ocorridos nos grupos de crianças alvo desse trabalho, são expressão de como sofriam os impactos da imagem constituída historicamente sobre o negro no Brasil. O primeiro deles é referente a um menino, que pelos relatos de sua mãe, teria dito que o motivo dele não saber manipular os DVDs em casa, sem arranhá-los, estava na sua cor. E, uma menina negra, frequentemente, explicitava que gostaria de ter cabelos lisos e longos como os da Cinderela.

As demandas supracitadas impulsionaram aos professores a construir projetos de intervenção que tratasse do tema da pluralidade humana. Nesse sentido o projeto sobre a cultura africana e afro-brasileira foi organizado a partir da compreensão da função social da Educação Infantil como espaço educacional que objetiva a formação cultural e humana, ao passo que trata pedagogicamente da promoção do acesso das novas gerações ao mundo historicamente constituído. Nesse sentido, a organização do trato didático-pedagógico, ao considerar o papel do professor como autoridade responsável pelo processo de “segundo nascimento” da criança, orienta-se pelo conceito arendtiano de “natalidade” (ARENDRT, 2011).

O texto que se segue está estruturado em duas partes, as quais coadunam com o conceito de “natalidade” de Hannah Arendt: num primeiro momento, trataremos de algumas concepções que orientam o trabalho. Desta forma, apresentaremos a ideia da educação na infância como possibilidade de promoção de um “segundo nascimento” da criança, bem como, uma crítica à ideia de “mundo das crianças” e uma apresentação de uma perspectiva de educação para a pluralidade humana. Num segundo momento, discutiremos nossa proposta de trabalho com o tema da cultura africana e afro-brasileira a partir da ideia de contar o mundo às novas gerações. A organização pedagógica do tema suscitou diferentes formas de intervenção, principalmente, possibilitou a relação entre a prática da educação física (formação inicial do pesquisador) e as intervenções com o grupo em sala. Este trabalho é fruto da relação entre pesquisador e professora pesquisada que não se pretende neutra e isolada, mas sim se estrutura num processo de constante diálogo.

NATALIDADE, MUNDO DAS CRIANÇAS E EDUCAÇÃO PARA A PLURALIDADE HUMANA

O trabalho pedagógico desenvolvido se orienta, principalmente, pelos escritos de Hannah Arendt em “Entre o passado e o futuro” (ARENDR, 2011). Enfaticamente, nesse texto é possível compreender o professor como responsável pela presença das crianças no mundo, um representante da cultura e da história humana, o qual tem a tarefa de construir um processo de mediação entre o velho e o novo, o passado e o futuro. Nesse sentido, considera que a cada geração, que nasce para o mundo, deve aprendê-lo na sua constituição histórica. A educação é uma tarefa de “conservação” do mundo, não que ela não perspective a transformação social, mas reconhece que tal transformação se dá por “ação” na pluralidade humana, a qual necessita de sujeitos que passaram por processos de aprendizado do mundo, para que assim, haja a condição de possibilidade de transformação social. A educação é uma prática social que visa “conservar” o mundo, no sentido elaborado por Hannah Arendt

em seu conceito de natalidade, ou seja, apresentar as novas gerações uma gama de práticas culturais, historicamente construídas, como passo *sine qua non* para a compreensão da pluralidade humana.

Outro ponto importante para a fundamentação do trabalho pedagógico, diz respeito à reflexão sobre a ideia de “mundo com as crianças”. Nossa prerrogativa é a de que é impossível promover a compreensão da existência de um mundo das crianças e de outro mundo dos adultos, essas tentativas são fictícias. Só existe um mundo, aquele habitado pelos adultos e pelas crianças, aquele mundo velho constituído historicamente, o qual as crianças herdaram por nascimento. Isolar a criança em um mundo novo é um equívoco, uma vez que “o mundo no qual são introduzidas as crianças é um mundo velho, isto é, preexistente, construído pelos vivos e pelos mortos, só é novo para aqueles que acabam de penetrar nele pela imigração” (ARENDR, 2011. p. 226). Arendt alerta para esse risco em relação a idealização de um mundo das crianças como tentativa de construção de um novo mundo:

O primeiro é de que existe um mundo da criança e uma sociedade formada entre crianças, autônomos e que se deve, na medida do possível, permitir que elas se autogovernem. Os adultos aí estão apenas para auxiliar esse governo. A autoridade que diz as crianças o que fazer e o que não fazer repousa no próprio grupo de crianças – e isso, entre outras consequências, gera um situação em que o adulto se acha imponente ante a criança individual e sem contato com ela. Ela pode apenas dizer-lhe que faça aquilo que lhe agrada e depois evitar que o pior aconteça. As relações reais e normais entre crianças e adultos, emergem do fato que pessoas de todas as idades se encontram sempre simultaneamente reunidas no mundo, são assim suspensas (ARENDR, 2011, p. 230).

Essa acessão anuncia um perigo latente, evidenciado por Arendt, como também pode ser lido em “Reflexões sobre Little Rocky” (ARENDR, 2004), o qual trata da responsabilização das crianças pela construção de um novo mundo, aquele mundo almejado pelos adultos, mas não conquistado por eles mesmos. Se negarmos o fato de que o professor é autoridade responsável pela apresentação do mundo às crianças, o “segundo nascimento”, incorreremos num perigo latente de absolutizar um mundo próprio da criança, descolado do mundo adulto.

Arendt destaca que a criança, ao emancipar-se do mundo do adulto e da autoridade do mesmo, esta sujeita à autoridade das próprias crianças enquanto grupo, um espaço extremamente tirânico. Abster-se, por exemplo, de construir hábitos democráticos com as crianças, que perspectivem a justiça, é entrega-las a uma total indeterminação e deixá-las a mercê de sua própria organização enquanto grupo. Destarte, não podemos nos desresponsabilizar da tarefa de ensinar as novas gerações à cultura humana historicamente construída e, fundamentalmente, nesse processo, permitir a compreensão pelas crianças que as dimensões da cultura expressam a pluralidade como condição humana da existência no mundo. A autonomia na infância deve ser pensada a partir da formação para a “ação” na pluralidade humana.

CONTAR O MUNDO AS CRIANÇAS: UMA PERSPECTIVA DE TRABALHO¹

As diretrizes da Educação Infantil do Município de Florianópolis/SC (FLORIANÓPOLIS, 2015) formulam diferentes Núcleos de Ação Pedagógicas (NAPs) que orientam a ação docente na organização das atividades com as crianças de zero a seis anos. O texto trata que os diferentes núcleos de ação pedagógicos (Linguagem: gestual-corporal, oral, sonoro-musical, plástica e escrita; Relações Sociais e Culturais: contexto espacial e temporal; identidade e origens culturais e sociais; Natureza: manifestações, dimensões, elementos, fenômenos físicos e naturais) que orientam a ação docente na direção da atividade infantil. De maneira contrária, os NAPs nos serviram para orientar a atividade infantil em torno do tema da cultura africana e afro-brasileira. Ao passo que organizamos diferentes estratégias pedagógicas para que as crianças acessassem tal dimensão da cultura, desde expressões artísticas e culturais até análises históricas e geográficas.

-
1. Essa perspectiva pode ser evidenciada no livro “A hora da criança: narrativas radiofônicas” de Walter Benjamin (BENJAMIN, 2015). No livro, Benjamin trata da narração das experiências históricas do mundo para as crianças.

O trabalho se iniciou a partir da literatura, fundamentalmente, pela história “Bruna e a galinha d’Angola” de Gercilga de Almeida (ALMEIDA, 2003). A história retrata o percurso da aventura de Bruna, uma menina negra e angolana, até sua chegada no Brasil. Em meio à história, pudemos pautar, inicialmente, o tema da origem dos negros no Brasil. Ao abrir a discussão com as crianças, intentávamos construir uma compreensão relacionada às diferentes etnias e culturas que constituem o povo brasileiro. No entanto, nesse primeiro momento, objetivávamos que as crianças conhecessem diversos aspectos da cultura africana, como as vestimentas típicas, as pinturas, as esculturas e as músicas. As intervenções pedagógicas, a partir desse objetivo, davam-se na sala da brinquedoteca, onde projetávamos imagens e vídeos. A partir dos vídeos, desenvolvemos uma importante discussão com as crianças sobre as vestimentas típicas de algumas tribos do continente, entretanto, também apresentamos as formas de se vestir de algumas grandes cidades, como Johannesburgo na África do Sul, as quais se assemelham as formas de se vestir culturalmente formada, de maneira geral, no ocidente. Desta forma, não queríamos caricaturizar com as crianças uma única imagem dos africanos, como se fez muito na história da educação do Brasil com os índios, mas sim permitir a compreensão da pluralidade que formam a cultura do continente.

As crianças envolveram-se, posteriormente a leitura da história literária “Bruno e a Galinha da Angola”, na localização geográfica da Angola no mapa e visualizaram o percurso que “a avó da Bruna” percorreu até sua chegada no Brasil. A partir dessa abordagem geográfica, introduzimos com as crianças alguns aspectos relevantes que constituem os diferentes aspectos da cultura e da espacialidade do continente africano. Por exemplo, por meio da apresentação de algumas imagens sobre a África, as crianças puderam compreender as diferentes formas arquitetônicas que configuram algumas cidades africanas, analisaram também as savanas e as diferentes florestas, assim como conheceram a história das pirâmides do Egito e do Rio Nilo, maior rio do mundo e de grande importância para o continente. Ao explorar o mapa, sentimos a necessidade de discutir quais seriam os meios de transporte possíveis para fazer o traslado entre o continente o africano e o americano.

É importante ressaltar que, a apresentação dos diferentes aspectos tanto da cultura africana quanto da configuração geográfica do continente, suscitava reações conflituosas nas crianças. Esses conflitos práticos diziam respeito a modos de organização social, cultural e costumes que se chocavam com seus próprios modos de vida. A análise da vida de algumas tribos africanas fez com que as crianças associassem os africanos com os índios brasileiros, nesse sentido, ao passo que ocorria tais interpretações, os professores iniciavam um processo de discussão com as crianças, tendo em vista pontuar as diferenças e as similitudes. Didaticamente, nossa premissa era a de que ao instaurar tais conflitos práticos em relação a aspectos que, muitas vezes, eram incomuns na vida das crianças, apresentava-se a possibilidade de se iniciar um processo reflexivo sobre a estrutura racional que orienta os modos de vida de outros povos e, até mesmo, em relação as nossas formas de viver. O conflito prático esboçado com o exponencialmente diferente, nos fez colocar em análise a nossa própria vida.

Dando continuidade as atividades, no sentido de explorar as diferentes formas de expressão cultural e linguística, apresentamos para as crianças diversas músicas e danças africanas. Em relação aos trabalhos artísticos, as crianças manipularam argila esculpindo galinhas da Angola e pintando-as. Posteriormente, as crianças pintaram tecidos, com os quais foram confeccionadas roupas africanas, assim como foram apresentados alguns instrumentos que puderam manusear como berimbau, atabaque, caxixí, pandeiro.

Para apresentar geograficamente a África, as crianças pintaram o mapa do continente Africano. Uma atividade pedagógica desenvolvida com as crianças, a qual gerou importante discussão, foi relacionada à escolha de diversas imagens que representavam a África. Os professores misturam diferentes imagens, incluindo monumentos históricos, expressões artísticas e pessoas de diferentes civilizações. Como já havia passado algumas semanas de estudo sobre o continente africano, pedimos as crianças que escolhessem as imagens que representassem a África. Essa atividade gerou discussões sobre a cultura e fenótipo dos africanos, assim como sobre o conceito de beleza em diferentes culturas.

A partir destas discussões elaboradas, chamou a atenção das crianças os diferentes penteados e tipos de cabelo. Então, realizamos a leitura e discussão do Livro “O cabelo de Lelé” (MENDONÇA; 2012). Depois desta atividade, as crianças escolhiam um penteado apresentado no livro e, então, tentávamos reproduzir no cabelo delas.

Dentre outras atividades sobre a cultura africana, as crianças realizaram a releitura de máscaras. Nesse momento, pudemos contar um pouco da mitologia em torno das máscaras e a expressão simbólica que elas representam nas tribos africanas. As crianças também confeccionaram colares tipicamente africanos.

A CHEGADA DO NEGRO AO BRASIL, ESCRAVIDÃO E EXPRESSÕES ARTÍSTICAS AFRO-BRASILEIRAS

Crianças que não suspeitam nada da crueldade e da dureza da vida acabam por ser particularmente expostas à barbárie depois que deixam de ser protegidas. Mas, sobretudo, não é possível mobilizar para o calor humano pais que são, eles próprios, produtos desta sociedade, cujas marcas ostentam. O apelo a dar mais calor humano às crianças é artificial e por isto acaba negando o próprio calor. Além disto o amor não pode ser exigido em relações profissionalmente intermediadas, como entre professor e aluno, médico e paciente, advogado e cliente. Ele é algo direto e contraditório com relações que em sua essência são intermediadas. O incentivo ao amor — provavelmente na forma mais imperativa, de um dever — constitui ele próprio parte de uma ideologia que perpetua a frieza. Ele combina com o que é impositivo, opressor, que atua contrariamente à capacidade de amar. Por isto o primeiro passo seria ajudar a frieza a adquirir consciência de si própria, das razões pelas quais foi gerada. (ADORNO, 2006, p.134-135)

As intervenções pedagógicas a partir do projeto sobre a cultura africana e a cultura afro-brasileira perspectiva contar o mundo as crianças, contar a história do mundo que é enredada por avanços humanitários, mas também se constitui por meio da barbárie. Não privar a criança desses processos de constituição históricos tem a intenção de promover processos na infância de experiências de tomada de perspectiva do outro, ou seja, uma experiência do “não eu no outro”. O impulso em direção ao outro se constitui, também, nesse processo pelo reconhecimento da dor

em geral (ADORNO, 2006). Walter Benjamin (BENJAMIN, 2015), em suas transmissões radiofônicas para as crianças – “A hora da Criança: narrativas radiofônicas” -, coaduna com a intenção de que a partir das narrativas há a possibilidade de reconhecimento e admissão da falta e, conseqüentemente, mobilização do desejo de tomada de perspectiva do outro como humano e como condição da própria liberdade. A promoção do reconhecimento da barbárie e da injustiça visa o não esquecimento das qualidades humanas do outro e a instauração de um processo reflexivo sobre a frieza na nossa sociedade.

A partir dessa premissa, começamos a direcionar os planejamentos com o objetivo de apresentar a história da constituição da cultura afro-brasileira, de modo a problematizar as diferenças étnico-raciais e, desta forma, questionar e desconstruir os estereótipos constituídos socialmente sobre o negro no Brasil. Na roda conversamos sobre a vinda dos africanos para o Brasil discutimos formas de captura dos africanos pelas tribos na África e o processo de escravização, o qual eles foram submetidos posteriormente. Ao passo que conversávamos sobre tal história, as crianças apontaram os portugueses como “pessoas ruins” e “maldosas”. Nesse momento, destacávamos com eles que o processo de escravidão era legitimado socialmente, não se tratava de pessoas más, mas sim, de injustiças sociais cometidas naquele tempo histórico, as quais eram entendidas como práticas naturalizadas. Em consonância com o pensamento de Adorno, almejávamos que as crianças construíssem compreensões sobre a frieza, e as razões que a permitiram.

Apresentamos imagens caricaturadas sobre o navio negreiro e o trabalho escravo, já no território brasileiro. De maneira geral, as crianças mostravam-se afetadas por conhecer a história bárbara da constituição do povo brasileiro. Acreditamos que é importante produzir a “falta” desde a infância, ao passo que elas passam a suspeitar da dureza e crueldade da vida. A “falta” além de necessária para a promoção de um processo reflexivo sobre a frieza também mobiliza o “desejo” de implicação e tomada de perspectiva do outro. O contrário da produção da “falta” e, conseqüentemente, do desejo de implicação com o outro, é o

esquecimento. Como argumenta Adorno nas *Mínima Moralia* (ADORNO; 2003), toda reificação² é um esquecimento. A frieza que constitui as da relações humanas gera a indiferença pelo outro a partir do esquecimento, conforme argumenta o autor:

(..) se as pessoas não fossem profundamente indiferentes em relação ao que acontece com todas as outras, excetuando o punhado com que mantém vínculos estreitos e possivelmente por intermédio de alguns interesses concretos, então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceito. (ADORNO, 2006, p.134)

Na mesma medida em que narrávamos histórias da escravidão, desenvolvemos atividades sobre o navio negreiro e sobre as condições de vida do negro escravo no Brasil, principalmente, sobre a vida nas senzalas e as fugas para os quilombos. Simbolicamente, fizemos um percurso da viagem do navio negreiro da África até o Brasil. O grupo de crianças foi envolto em uma corda e ali estavam dentro do navio negreiro. Antes da partida, ensinamos uma música sobre o navio negreiro - “que navio é esse? Que chegou agora? É o navio negreiro com os escravos de Angola”, a qual as crianças cantavam no “percurso” até o Brasil. As crianças foram conduzidas até o parque, o qual representava o Brasil. A seguir desenvolvemos uma atividade de fuga da senzala para o quilombo. Nessa atividade, discutimos as condições de vida na senzala e a intenção do escravo em fugir para o quilombo, lugar onde o mesmo poderia viver sem ser submetido às injúrias e barbáries da senzala e do trabalho escravo nas fazendas. A nossa intenção, também, era que eles compreendessem os papéis sociais que caracterizavam a época. Desta forma, os professores representavam os “Senhores” e eles escolhiam dentre os escravos aqueles que seriam os “capitães do mato”. A atividade configurou-se como um pique: representávamos uma tentativa de fuga a noite e os capitães do mato tinha que impedir que os escravos fugissem para o quilombo. Essa atividade foi realizada diversas vezes e sempre levava a discussões sobre

2. Para Adorno (2006), o tipo de consciencia coisificada (reificada) remete a conversão da relação humana em “coisa”.

a escravidão. Um exemplo interessante aconteceu em uma das atividades, quando as crianças queriam continuar brincando de pique e retornavam do quilombo para a senzala. Com isso, os professores interrompiam a atividade e discutiam com eles a situação, principalmente, perguntando se eles estavam mesmo querendo retornar a um lugar que a liberdade era limitada e no qual eles estavam submetidos a diversas formas de desrespeito.

Na última parte do trabalho pedagógico com o tema da cultura africana e afro-brasileira, recebemos um grupo de capoeira no Núcleo de Educação Infantil. Nessa ocasião, as crianças puderam interagir participando da roda e manejando os instrumentos. Posteriormente, passamos a um processo de aprendizado do maculelê, uma prática da cultura afro-brasileira. Realizamos diversas atividades pedagógicas para ensino do ritmo e dos principais passos coreográficos do maculelê. A partir do momento em que as crianças dominavam o ritmo e o estilo coreográfico dessa prática corporal, construímos processos de elaboração de novos passos com as crianças, a fim de promover uma apresentação dessa manifestação cultural para toda a comunidade do Núcleo de Educação Infantil e para os pais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu enfrentar um desafio pertinente a educação, qual seja, o de construir um processo formativo que potencialize a experiência de se colocar na perspectiva de uma segunda pessoa e reconhecer o outro como “outro de si mesmo”. Nesse sentido, a formação cultural e histórica possibilita a instauração de processos reflexivos. Como Adorno já apontava em *Mínima Moralía* (2003), a exatidão de nosso conhecimento está relacionada à quantia de reconhecimento emocional da aceitação da validade de outras perspectivas e da maior quantidade delas.

REFERENCIAS

ADORNO, T.W. **Mínima moralía**. São Paulo, Ática, 1993.

- ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- ALMEIDA, G. S. **Bruna e a Galinha D´angola**. Pallas: Rio de Janeiro, 2003.
- ARENDT, H. Reflexões sobre Little Rock. In: **Responsabilidade e julgamento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. P. 260-281.
- BENJAMIN, W. **A hora das crianças**. Nau: Rio de Janeiro, 2015
- FLORIANÓPOLIS. **Diretrizes curriculares para a educação básica**. Florianópolis: 2015.
- MENDONÇA, A. **O cabelo de Lelé**. Ibec nacional: São Paulo, 2012.
- HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. **Etnografia: métodos de investigação**. 2. Ed. Barcelona: Paidós, 1994.

Recebido em 16 novembro 2015

Aprovado em 05 dezembro 2015

Endereço para correspondência:

Bruno de Almeida Faria

Rua Natalina Daher Carneiro, 832, apto. 103

Jardim da Penha, Vitória - Espírito Santo

CEP: 29060-490